

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: FUR 00001

Data: 07/04/68

Pg.: _____

Poderosa nação Fulni-O é hoje simples povoado de Pernambuco

Recife (Sucursal) — Aguas Belas, no sertão de Pernambuco. Ainda não é noite mas a cidade tem um ar parado e triste. Em meio à monotonia nenhum sinal de índio, ausência cuja razão todos sabem. A tribo, que já foi dona de tudo, hoje é minoria na comunidade. E na prática está confinada a uma pequena vila, onde há penúria, miséria e fome.

Na vila, a outrora poderosa nação fulni-ô vive acuada, com a cidade em pé de guerra contra ela a maior parte do ano. E só de setembro a dezembro, tem relativa paz. É quando a tribo fica no Ouricuri, lugar longe e sagrado. E suas danças atraem a comunidade que assim foge à rotina e mostra como vê os índios: folclore e nada mais.

Tristeza

A cidade está calma, preguiçosa, tristonha. Nas imediações, os camponeses trabalham, lentos carros de boi cortam as estradas. Nas ruas, um quase silêncio, um ou outro automóvel, poucas pessoas. Nenhuma delas parece ter pressa, todas se movimentam sem abalar a tristeza cinzenta da paisagem.

Assim, à primeira vista, Aguas Belas tem aspecto tranqüilo, afigura-se um pequeno mundo feito só de ternura e paz. Mas a paz é enganosa. A verdade é que sua gente — branca, morena ou mulata — está em guerra não declarada com os índios, os primeiros habitantes da terra. E às vezes — o que é pior — nem percebe essa posição belicosa. Então nega a guerra, jura a paz. Dá exemplo, cheia de convicção: aqui há índio professor, índio fazendeiro, comerciante, sapateiro e já houve até índio vereador.

Depois, indica a primeira prova: a escola, onde uma índia é professora. E realmente a índia está na escola. É o tipo clássico da professorinha. Agora dá aula, enfrenta uma turma de mais de 40 alunos, entre os quais um indiozinho. Recebe carinhosamente os estranhos, ouve atentamente o que dizem e em seguida se desculpa:

— Mais tarde a gente conversa. Ainda tenho de cuidar dos meus meninos por alguns minutos. Mas a aula acaba já.

As crianças fazem alarido, riem. Ao que parece riem dos estranhos que saem rápidos. Lá fora tudo é calmo. Uma menina brinca indolente aos reclamos da jovem que a chama para sair do sol e vir para casa. No meio da tranqüilidade, a pressa, a curiosidade:

— E os índios? Onde estão os índios?

O rapaz alto, magro, não tem tanta pressa. Os índios — índios mesmo — estão todos na aldeia. Vem à cidade sempre — a cidade é deles — mas os caboclos preferem ficar distantes, afastados, isolados. Eles são amigos, camaradas, mas arredios. Apesar disso trazem um tempo bom para Aguas Belas. É a época da festa no Ouricuri, lugar sagrado, distante da cidade. Nesse tempo há animação, rapazes e moças vivem dias alegres, divertem-se, namoram. Sobretudo namoram nos festejos dos índios. E alguns rapazes até namoram índias. Porque lá se vêem cunhas bonitas, de pele queimada, cabelos lisos e pretos, bem pretos.

O rapaz pára de falar. No barzinhão cumprimenta um amigo. É um homem branco, de olhos azuis. Não tem nada contra os índios. Mas eles, Deus do céu, são uma raça desgraçada. Preguiçosos e desordeiros. Tiraram a paz da cidade, bebem, embriagam-se, roubam e até matam. Surge então o diálogo:

— Há algum índio preso na cidade por roubo ou crime de morte?

— Não, não me lembro de ninguém. Mas antigamente eles surravam e até matavam quem entrava no Ouricuri, explica o homem.

— E o Cacique Prócópio Sarapó, morto pela Polícia, era um desordeiro?

— Não, o Cacique só ficava bravo quando bebia. Ele não provocou a briga com a Polícia. Foi outro índio.

O cidadão branco encerra a conversa. O rapaz alto, magro, quer mostrar a aldeia. Uns poucos metros são vencidos e de repente ele pára. A cidade está a pequena distância, mas ali, um pouco adiante, era a aldeia dos índios.

Decépção

A aldeia evidentemente não tem nada do que muita gente imagina. É uma vila como qualquer outra de uma pequena cidade do interior. Suas casas se distribuem em duas fileiras, ao fundo fica uma igrejinha e de frente para ela, num ponto central, o prédio do Serviço de Proteção aos Índios.

As casas, todas de porta e janela, são em sua maioria cobertas de telha, de paredes de alvenaria ou taipa. Algumas têm aparência razoável, bem pintadas, bem cuidadas, dispoendo até de uns poucos móveis e de adornos, de que são exemplo os bonecos de barro.

Mas a tristeza de Aguas Belas parece maior na vila dos índios. E no interior das casas há doenças e lamentos, que duram tanto quanto a conversa sem fim dos funcionários do Serviço de Proteção. Eles agora mesmo estão em animado bate-papo. Expediente já encerrado, não há nada a fazer, exceto conversar horas a fio.

A aparência de cada funcionário mostra que são homens humil-

des, de vida tão sacrificada quanto os índios. Por isso temem perder o emprego e não querem conversa com estranhos. Não informam nada, não sabem, não viram, nem ouviram. E só a muito custo dizem que a coisa ali vai mal, mas é muito melhor falar com o Cacique.

— E o Cacique, onde está?

— O Cacique foi para a aldeia, lá no Ouricuri.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: Φ1

Data: 07/04/68

Pg.: (Cont.)

Aldeia mesmo

A estrada é péssima, o acesso é difícil. Depois de algum tempo aparecem umas casinhas ao longe. O tamanho reduzido, não é ilusão de ótica. É impressão de verdade. As casinhas da aldeia no Ouricuri, onde residem uns poucos índios em extrema pobreza, são simplesmente de causar espanto. Nenhuma difere de qualquer outra. Todas com paredes de taipa e cobertas de palha. O espaço é mínimo: dois metros de altura no máximo, dois metros de comprimento e pouco mais de um de largura. Em cada uma a média de moradores é de oito, portanto em absoluta promiscuidade. A distância entre uma e outra praticamente não existe.

No centro da aldeia surgem uns poucos índios intrigados e dando a entender que algo estava errado. Falam tupi-guarani, depois português e resolvem chamar o Cacique. O Cacique vem apressado, apreensivo, não diz nada por algum tempo, limita-se a ouvir. Pensa um pouco e em seguida sentença categórico:

— Aqui não pode entrar nenhum estrangeiro.

O Cacique fica em silêncio. É um homem alto, forte, vestido como qualquer camponês nordestino e com um imenso favão à cintura. Parece em dúvida e decide chamar o Pajé, travando com ele, um diálogo em tupi-guarani. O Pajé permite a permanência por algum tempo, mas determina o local, confina os estrangeiros.

Um pouco longe fica um pé de juazeiro, há uma grama convidativa, boa para sentar e travar uma longa conversa. A primeira sugestão para ir até lá é repelida delicadamente, mas com certa veemência:

— Só índio pode chegar aqui e o lugar sagrado, queria desculpar.

Cacique e Pajé sentam-se debaixo da latada, onde alguns animais dormem a sesta nas suas fedes. Outros apenas descansam e se aproximam do grupo. O assunto agora é a vida da tribo. Logo se sabe que a aldeia mesmo é no Ouricuri, lugar sagrado, lugar de ritos e local de trabalho. Próximo ao Ouricuri, as terras dos Fulni-ós, que medem seis quilômetros.

As terras são também a causa do conflito entre a tribo e a cidade. O Cacique explica o fato:

— Eles querem nos aterrorizar, diz, fazendo um gesto com a mão.

O Pajé está calado, é visível que sofre de hérnia. Tão doente quanto ele o índio Paulo, bem velhinho, mas lúcido. Fala devagar, tem um problema nas vias respiratórias, respira com dificuldade. Explica:

— A cidade está contra a tribo. Quer mesmo nossas terras. Todos lá dizem que os índios não trabalham, deixam as terras abandonadas. Mas a verdade não é essa, não.

— E por que a cidade diz isso, índio Paulo?

— Quer o pouco que temos. Ora, as nossas terras estão abandonadas, mas aqui não temos dinheiro, nem arado, nem trator, nem sementes. E os florestais (terras) deles estão também abandonados, mas eles têm de tudo, até dinheiro do banco.

O índio Paulo continua com dificuldade seu argumento:

— Aqui a gente cultiva pouca terra. Mais, não pode cultivar. A colheita de feijão, milho, algodão, só dá para comer, enfrentar alguma doença. As vezes falta para semente ou se não falta nunca se pode comprar mais no outro ano, porque o preço é maior e o dinheiro diminuiu.

— E há solução para o problema?

— Há sim. A gente quer fundar uma cooperativa para ajudar a nossa lavoura. Tá difícil, não temos apoio de ninguém. Veja bem a situação: alguns agricultores lá da cidade, até sem terra, conseguem tirar dinheiro no banco. Os índios aqui tem terra, tem garantia, mas o banco não empresta nada.

O índio conversa ainda por algum tempo. Mostra que não sabe ler, nem escrever, mas vê tudo muito claro. Ele observa a tribo, a cidade, pensa e tira conclusões. Depois transmite aos mais novos sua experiência, sua sabedoria. E nunca deixa que ninguém se engane na tribo ou mantenha ilusões diante da realidade. Daí adverte:

— A ajuda do Governo federal não chega, fica sempre no meio do caminho.

É a verdade, na qual todos acreditam. Uns desconfiando de que o dinheiro seja roubado mesmo no Pósto do Governo federal. Outros estão crentes de que o Pósto há anos que só recebe remédios, sempre com bastante atraso. Entre eles o índio Paulo e o Cacique Antônio Zumba, que são categóricos:

— O Pósto faz o que pode. Garante as terras. Não tem dinheiro.

O dinheiro do Governo federal me antes de chegar aqui.

Casas e plantações

Algumas índias surgem em frente às casinhas, um pouco distantes. Todos já cansaram de falar português e agora conversam em seu idioma. Alguns riem. As índias costumam distantes, uma delas tem a criança nos braços. O cacique a acompanha até o local.

— Entre, meu branco, a casa pequena, mas cabe todo mundo.

A índia que está no interior da casa é negra e pálida. Explica a sua família é de oito pessoas, mulheres dormem naquele espaço os homens lá fora, ao ar livre, baixo do juazeiro sagrado. Mas já sam o dia todo junto com elas. C Outra pede uma ajudazinha. A marca da Política paternalista ex-SPI.

A caminhada prossegue. Na casa uma índia jovem e bonita, pois outra. Mais adiante velhos, lhas, cegos, aleijados, tuberculosos, meninos barrigudos, cheios de vermes. Poucos têm um aspecto saudável e logo surge a impressão: má

— Cacique, não há médico para sua gente?

— Não tem, não. Só doença muita fome. Apesar de tudo a gente trabalha.

O cacique mostra em seguida o que ainda consegue fazer aquela gente doente. As plantações estão bem cuidadas. Todas cercadas de ara limpas. Há capinzais extensos, nitos, que se perdem de vista. Na área de quilômetros tudo é verde saudável, contrasta com a miséria dos casares e dos seus habitantes.

O Cacique Antônio Zumba recebe satisfeito com a sua tribo, embora a realidade seja dura. Não nada, não pede nada, mas o índio Paulo gosta dos estrangeiros e p uma ajudazinha. A ajuda é concedida e ele logo entrega ao P. Está alegre, muito alegre. A razão a ajuda vai financiar um torzezinho.

O Uré ou cafurna é uma dança, não som de maracás, diferente da qual os índios fogem à monotonia da tribo e pedem a D melhor sorte para a tribo e seus amigos. É o que resta da tradição dos costumes, cuja autenticidade eles lutam para conservar e perpetuar. Na dança toda a tribo se vê como qualquer civilização.

O índio Paulo parece por os olhos nos estrangeiros. Ele já foi na cidade, lá da cidade ou cafurna, mas não sabe de nada a respeito. Indica para que mais.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 01

Data: 07/04/68

Pg.: (Cont.)

A miséria da vila

A aldeia no Ouricuri fica para trás. Na vila três índias arrumam umas palhas. Duas são jovens. A terceira parece envelhecida pelo sofrimento. Consola o filho e convida para entrar na sua casa de taipa, coberta de telha. Oferece uma bolsa feita de palha, de cores berrantes. Não convence, mas não desiste.

— Compre, meu filhinho ainda não comeu nada hoje.

O marido confirma. Há um mês que não consegue qualquer trabalho na cidade. Como ele, há muitos outros. Não há dinheiro em casa, nem comida. É o jeito pedir.

A índia fica agradecida e risonda. Pede para falar ao Governo federal. Parece ter esperança. Esperança que se junta ao desespero em todas as casas da vila. Até mesmo naquelas que têm aparência de prosperidade, que são modernas, bem cuidadas, pintadinhas e tem móveis no seu interior.

Numa delas, uma índia de melancolia narra o seu drama. É artesã, trabalha com palha e faz tapetes e chapéus. Seu marido trabalha na lavoura. Mas a renda média de ambas é tida como razoável na aldeia, não vai além de NCr\$ 80 por mês. Ela cita o fato e se mostra agressiva como as outras índias, que atacam a cidade e o Governo com uma violência que seus maridos não têm. Dai diz em tom bem nordestino:

É um inferno isto aqui. Quase todo mundo passa fome. Não tem emprego, não tem ajuda, até o padre está contra nós.

— Seu nome?

Ela pensa, demora, depois responde com aparente acanhamento:

— É tão feio... Filomena.

Não era. Estava blefando. Afinal ia atacar todo mundo, todo civilizado. E continuou.

— Por esta luz de Deus, pode acreditar, esta carne é uma das poucas que restam aqui no nosso meio. Sabe por quê? As outras foram desmanchadas para fazer caixão de defunto no ano passado. Foi horrível. Morreram 65 crianças aqui, toda mãe perdeu um filho. Sarampo, meu irmão, sarampo e fome. Esta aí perdeu dois.

Então a índia Antonieta. Ela confirma e depois. Há três anos não consegue acabar de construir sua casa. As paredes de alvenaria estão levantadas, mas faltam as telhas e a madeira.

— Seu marido trabalha?

— Trabalha, contado, mas não ganha quase nada. Dia de serviço de índio lá fora não dá nem para o sal.

Um índio magro, alto, cego de um olho, entra na conversa e confirma tudo:

— Trabalho às vezes semanas inteiras. E nunca ganho mais de NCr\$ 500 por semana. Não dá para comprar nada. E ninguém quer pagar mais caro. A vida tá danada de difícil.

Ela fala agora do Governo federal e a índia Filomena volta a afacar:

— Eu já cansei de esperar pelos outros. Não vejo saída por aqui. Por isso, mandei minha filha e minha sobrinha estudar em Bom Conselho. Lá se formam, melhoram de vida. Não mando esta aí — aponta para uma jovem de uns 15 anos — porque não posso. Mas ela vai estudar também.

A jovem é Adalgisa, que veste um vestido *tubinho*. Ela fez exame de admissão, passou no ginásio, mas sua mãe não pode pagar as anuidades. Porque o tempo é ruim, segundo explica:

— A coisa está tão braba para os índios, que eles estão se *ajuntando*. Não tem dinheiro para o casamento.

Dona Filomena faz um pedido antes de se despedir: era para dizer que os índios querem melhorar de vida, mas os tais civilizados não deixam. Todos, inclusive o padre e o médico que só atende índio com ordem do Rôsto. Sem ordem morre como um animal.

Discriminação

A cidade sabe de todos os lamentos dos índios, que são vizinhos incômodos para a maioria da comunidade. Está em guerra com eles, mas mantém as aparências. E tolera pouco mais de meia dúzia de índios que romperam o cerco, integraram-se a muito custo e não se incomodam com a discriminação racial e econômica.

Didinha, índia, jovem, professora, é que não se engana com as evidências. E diz:

— É verdade, não é fofoca, não. Índio é índio. É como o negro, não pode errar. Quando erra alguém lembra: que diabo esse índio pensa que é?

Sua irmã Elba, também professora, sente a discriminação, que por vezes é ingenua, tem intenção de agradar. É quando alguém diz:

— É engraçado, você nem parece índia.

A frase termina irritando. Afinal querem, conscientemente ou inconscientemente, estimular um complexo que ela não tem. Porque se orgulha de ser índia, não vê qual a diferença entre ela e outra pessoa. A não ser a mentalidade de alguns que ainda raciocinam como os colonizadores. O que é uma pena, lamenta Elba.

Didinha entra novamente na conversa e dá sua opinião. Existe discriminação, e nisto todos têm culpa. Os colonizadores, os historiadores e todos os civilizados que continuam acreditando que os índios são uma raça inferior, preguiçosa e indolente.

As duas moças calam por um instante, chega o índio João de Pontes. Estudou no Rio, fez ginásio, colegial, hoje é professor na cidade. Defende com ardor sua raça e entende as incompreensões, as hostilidades que são tão velhas quanto o País. Por isso é preciso tempo para vencer uma luta que tem sua raiz no problema da terra, e reflete um racismo estimulado por séculos e séculos. Dai ele dá sua contribuição para resolver o problema: ensina, prepara os seus irmãos. Embora reconheça que de repente o esforço parece inútil. Ninguém quer aproveitar, empregar, qualquer índio na cidade. E quando o faz, o menor deslize dá em dispensa, com frase maldita: índio safado.

Tradição

Didinha, Elba, João de Pontes têm outro ponto-de-vista comum: a aldeia não deve acabar, nem a raça. Tudo ali é o que resta dos primeiros habitantes do País. Suas tradições são caras, são o melhor do nosso passado. Com eles concorda o índio Roberto, de 71 anos de idade, que foi eleito vereador da cidade, mas renunciou antes de assumir o cargo. Nunca explicou por quê.

Eles se despedem sem adiantar nada sobre a cerimônia do Ouricuri. Não podem falar. É um mistério que dura séculos. E que obriga, tal a religiosidade, a que os casais de índios se separem durante três meses do ano, de setembro a dezembro. O período é só de orações, nada de sexo, de pecado. Todos voltados para Deus, para o bem.

As ruas de Águas Belas começam a desaparecer, ficam para trás. O dia vai morrendo e na estrada os carros-de-boi se movimentam lentamente. Um deles está à porta de uma residência típica de camponês. A casa é rústica, mas espaçosa. É um contraste com as casas dos índios no outro lado da cidade. O camponês é um homem pobre, mas não vive em extrema miséria como os Fulni-ôs. Os índios são minoria e são os párias da cidade. O camponês em relação a eles pertence à autêntica classe média.